

CONSIDERAÇÕES SOBRE DOGMATISMO TEÓRICO NO BEHAVIORISMO RADICAL

CONSIDERATIONS ON THEORETICAL DOGMATISM IN RADICAL BEHAVIORISM

MARCOS SPECTOR AZOUBEL

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO, BRASIL

RESUMO

O dogmatismo teórico, entendido como aceitação inquestionável de uma teoria e rejeição *a priori* de todas as outras, e o ecletismo teórico, compreendido como uso indiscriminado de conceitos, linguagens, procedimentos, métodos, técnicas e instrumentos produzidos por diferentes perspectivas teóricas, são posicionamentos comuns na Psicologia. Ambas as posições tendem a dificultar o diálogo produtivo entre as diferentes teorias psicológicas. Este ensaio visou identificar possíveis posições dogmáticas entre behavioristas radicais, discutir algumas possíveis implicações do dogmatismo para o behaviorismo radical e indicar alternativas que não incorram nem no dogmatismo e nem no ecletismo teórico. Foram apontados indícios de dogmatismo teórico na literatura, demonstrados pela crítica a diversas teorias sem citação explícita dos autores criticados, e em certas incompreensões acerca das relações entre behaviorismo radical e behaviorismo watsoniano e psicanálise. Por fim, sugere-se o diálogo, por meio do exame das histórias das diversas perspectivas teóricas, de seus pressupostos filosóficos e de estudos produzidos por seus membros, para possibilitar a reflexão crítica acerca da teoria behaviorista radical e das práticas derivadas dela.

Palavras-chave: análise do comportamento, behaviorismo radical, comportamentalismo, dogmatismo, formação do psicólogo, Skinner, teoria psicológica.

ABSTRACT

Theoretical dogmatism, understood as unquestioning acceptance of a theory and *a priori* rejection of all others, and theoretical eclecticism, understood as the indiscriminate use of concepts, languages, procedures, methods, techniques and instruments produced by different theoretical perspectives, are common positions in Psychology. Both positions tend to hinder productive dialogue between different psychological theories. This paper aimed to identify possible dogmatic positions among radical behaviorists, discuss some possible implications of dogmatism for radical behaviorism, and indicate alternative positions that do not involve either theoretical dogmatism or eclecticism. Evidences of theoretical dogmatism were found in the literature, demonstrated by critiques to various theories without explicit citation of the criticized authors, and in certain misunderstandings about the relationship between radical behaviorism and Watsonian behaviorism and psychoanalysis. Finally, we suggest a dialogue, through the analysis of the histories of the various theoretical perspectives, their philosophical assumptions and studies produced by their members, to enable a critical reflection on the radical behaviorist theory and practices derived from it.

Keywords: behavior analysis, behaviorism, dogmatism, psychological theory, psychologist training, radical behaviorism, Skinner.

Em virtude da pluralidade de perspectivas teóricas na Psicologia, cada qual com sua visão de ser humano e de mundo, seus pressupostos epistemológicos e metodológicos, é comum e produtivo que o psicólogo se alinhe a uma posição teórica específica. Afinal, as teorias psicológicas oferecem meios de analisar, interpretar e relacionar diferentes fenômenos do mundo com base em um enquadramento conceitual comum e auxiliam a guiar e a avaliar práticas de pesquisa e de prestação de serviço. Contudo, a adoção de uma postura dogmática deste alinhamento teórico, entendida como aceitação inquestionável de uma teoria e rejeição *a priori* de todas as outras, pode acarretar em variados prejuízos (Costa, 1993; Figueiredo, 1996; Laurenti, 2012; Laurenti, Lopes, & Araujo, 2016; Luna, 1988; Otta, Leme, Lima, & Sampaio, 1983).

Quando adota uma postura dogmática, o psicólogo formado ou em formação ignora ou mesmo rejeita precipitadamente posições que divergem de seus pressupostos teóricos. Ao adotar tal atitude, o profissional ... não só não pode ouvir as interpelações que viriam de outras vozes teóricas (que ficam de antemão desqualificadas), mas também não se permite ouvir o que a sua prática tem a dizer, salvo na medida em que se encaixe no esquema do que o psicólogo pensa que sabe. (Figueiredo, 1996, p. 18)

Desta forma, o psicólogo limita-se ao que pensa que sabe e perde oportunidades de saber coisas novas.

Outro possível resultado do dogmatismo na Psicologia é o criticismo desacertado entre diferentes perspectivas teóricas. É corriqueiro que haja diversas críticas de uma perspectiva teórica com relação a outra, em relação aos mais variados aspectos. Estas análises críticas nem sempre são devidamente fundamentadas, contribuindo para que o diálogo entre as teorias psicológicas seja mais difícil e polarizado. Na ânsia de criticar precipitadamente teorias psicológicas diferentes daquela escolhida, o psicólogo pode incorrer na falácia do espantinho, que é tradicionalmente entendida como a atribuição de uma posição deturpada a um oponente, de forma que seus argumentos pareçam implausíveis, e a posterior crítica desta posição deturpada do oponente, em vez dos seus reais argumentos (Talisie & Aikin, 2006).

É importante salientar que diálogos e críticas entre diferentes perspectivas teóricas podem ser importantes para o seu avanço. Entretanto, segundo Costa (1993), para que seja fértil, o diálogo deve ser realizado depois que mal-entendidos tenham sido dissipados. Caso contrário, não se criam diálogos, mas conflitos imaginários. Desta forma, diálogos produtivos devem estar sustentados por pressupostos consistentes.

Ainda sobre críticas entre diferentes posições teórico-metodológicas na Psicologia, Luna (1988) afirmou haver um deslocamento da questão, evidenciado

na tentativa de confrontar diferentes tendências teórico-metodológicas como se a verdade de cada uma pudesse ser atestada pela fragilidade da outra. Ao contrário, a

força de uma abordagem teórico-metodológica é demonstrada pela sua resistência à crítica que se exerce contra ela mesma. (p. 74).

Na perspectiva do autor, a produção de conhecimento com base em uma perspectiva teórica e metodológica específica não deve ser acessada exclusivamente por pessoas que compartilham destes pressupostos teóricos e metodológicos. As produções de membros de uma corrente teórica serão úteis aos membros de uma segunda corrente teórica, na medida em que os auxiliem no exercício da crítica interna.

Otta, Leme, Lima e Sampaio (1983) realizaram uma pesquisa em que apresentaram um mesmo texto de autoria de Freud, propositor da psicanálise, para três grupos de alunos, mas atribuíram sua autoria a Freud para o primeiro grupo, a Skinner, propositor do behaviorismo radical, para o segundo grupo e não atribuíram qualquer autoria para o terceiro grupo. A todos os grupos, pediram que avaliassem a ideia central do texto de acordo com seu grau de concordância. De forma geral, a atribuição do texto a Freud resultou em avaliações significativamente mais positivas, quando comparadas às avaliações do texto vinculado a Skinner. Os resultados parecem confirmar as suposições iniciais das autoras quanto ao efeito de concepções preestabelecidas na avaliação de novas informações. Conforme as autoras, é comum que alunos de graduação em Psicologia se comportem de forma mais semelhante a torcedores organizados do que a pensadores críticos. Segundo elas, é prática corriqueira entre alunos de graduação a escolha prematura de certos autores e teorias psicológicas e a defesa dogmática deles. Uma possível decorrência dessas noções preconcebidas sobre posições teóricas diversas é o julgamento enviesado de ideias, eventualmente dificultando o aprendizado de novos assuntos.

Cabe ressaltar que o reconhecimento dos benefícios da existência de críticas bem formuladas entre perspectivas teóricas, do estudo da formação dessas perspectivas e da avaliação dos conhecimentos produzidos com base em pressupostos distintos não implica em uma defesa da postura eclética frente às teorias psicológicas. A adoção da postura do ecletismo teórico é caracterizada pelo uso indiscriminado de conceitos, linguagens, procedimentos, métodos, técnicas e instrumentos produzidos por diferentes perspectivas teóricas, a depender do que pareça convir em cada situação (Figueiredo, 1996; Guilhardi, 1995). Os perigos deste tipo de postura residem no fato de o eclético teórico não precisar comprometer-se com os resultados de suas decisões (Figueiredo, 1996): se uma técnica ou teoria parece não funcionar em determinada situação, então pode simplesmente alternar de prática sem, com isso, implicar-se em avaliar criticamente os pressupostos subjacentes a ela. Desta forma, nenhuma teoria precisaria ser questionada e nem seria necessário assumir critérios claros, por meio dos quais seria possível julgar a efetividade ou pertinência de uma ação específica. Afinal, como exposto por Luna (1988), uma teoria resulta em uma

forma específica de olhar para a realidade e deve servir para integrar os diferentes conhecimentos produzidos com base naquele filtro pelo qual observa o mundo. Outro problema implicado na adoção de uma postura eclética frente às teorias psicológicas diz respeito à carência de coerência entre os diferentes sistemas teóricos, o que acarretaria em um conjunto de conceitos baseados, possivelmente, em princípios incompatíveis entre si (Schmidt, 1999). Como resultado, o psicólogo com postura eclética assume uma posição teórica frágil, uma espécie de colcha de retalhos, amparada em concepções de mundo, de conhecimento e de ser humano distintas entre si.

Em interpretação comportamental do ecletismo teórico, Guilhardi (1995) afirmou que o psicólogo costuma adotar uma postura eclética como um comportamento mantido por fuga-esquiva. Ao se deparar com fenômenos psicológicos com os quais não é capaz de lidar, o psicólogo pode se ver desassistido e, nesta situação aversiva, adotar princípios de outras propostas teóricas. Como alternativa, o psicólogo deveria buscar pela ampliação dos seus conhecimentos acerca da sua perspectiva.

No contexto da Psicologia, o behaviorismo radical é uma perspectiva teórica recorrentemente alvo de críticas negativas, as quais, em grande parte, baseiam-se em incompreensões acerca desta disciplina e de suas propostas conceituais (Arntzen, J. Lokke, G. Lokke, & Eilertsen, 2010; Becirevic, 2014; Guimarães, 2003; Morris, 1985). A preocupação com críticas errôneas mobilizou diversos analistas do comportamento, que se dedicaram a responder a variadas apreciações (e.g., Guimarães, 2003; Micheletto & Sérgio, 1993; Rodrigues, 2006; Skinner, 1974/2006).

Há, sem embargo, um aspecto que costuma ser convenientemente pouco discutido por analistas do comportamento: o fato destes, apesar de sofrerem constantemente incompreensões e preconceitos, também expressarem críticas baseadas em incompreensões acerca de outras perspectivas para o estudo da Psicologia (Banaco, 1997; Becirevic, 2014). Banaco (1997) sugeriu que o behaviorismo radical – por ter modificado o *status* dos sentimentos, das emoções, da liberdade e do livre-arbítrio – retirou fontes de reforçadores da maioria das pessoas, que supõem a existência de entidades internas. Para além das rejeições individuais, é plausível dizer que a legitimidade de certas agências controladoras, como o sistema prisional, é questionada, possivelmente aumentando a probabilidade de rejeição por parte de membros dessas agências. Como efeito, a fonte do controle aversivo foi atacada pela comunidade: o behaviorismo radical teve suas propostas amplamente rejeitadas. Por sua vez, os behavioristas radicais, privados dos reforçadores produzidos pelo reconhecimento da comunidade de que suas práticas pudessem ter valor na solução de problemas, passaram a agredir seus agressores por meio de críticas e da rejeição às outras teorias e a tudo que se parecesse com mentalismo.

Por conta disso, segundo Banaco (1997), a comunidade analítico-comportamental passou a ser

ensimesmada, fechada ao diálogo. Assim, as tecnologias e as propostas conceituais de outras áreas podem ser subaproveitadas pelos analistas do comportamento e vice-versa.

Em uma perspectiva analítico-comportamental, a construção de conhecimento científico é entendida como comportamento e, então, determinada por sua história, que envolve a história das práticas das comunidades envolvidas com a produção de conhecimento. Desta forma, torna-se “impossível imaginar-se como um produtor de conhecimento isolado, autônomo e/ou isentar-se de avaliar as práticas de produção de conhecimento da comunidade científica” (Andery, Micheletto, & Sérgio, 2000, p. 141). Assim, compreender as propostas e o contexto geral das teorias psicológicas deve auxiliar na compreensão do behaviorismo radical e da análise do comportamento.

Com base no que foi exposto até aqui, o objetivo deste ensaio foi apresentar indícios de dogmatismo teórico por parte de behavioristas radicais em sua relação com outras perspectivas psicológicas, discutir algumas de suas possíveis implicações e apresentar alguns caminhos alternativos, que fujam tanto do ecletismo teórico quanto do dogmatismo teórico.

INDÍCIOS DE DOGMATISMO TEÓRICO NO BEHAVIORISMO RADICAL

Em grande medida, Skinner propôs o behaviorismo radical e a análise do comportamento em rejeição a diversas teorias psicológicas, o que resultou em uma teoria bastante idiossincrática, com terminologia, visão de ser humano, objetivos e métodos de investigação particulares. Sua proposta singular em relação às outras perspectivas psicológicas deve ter produzido barreiras para o diálogo entre a comunidade psicológica e Skinner (Andery, Micheletto, & Sérgio, 2002). A evitação ao diálogo é, por sua vez, uma das características de posturas dogmáticas teóricas (Figueiredo, 1996).

Possivelmente por conta das peculiaridades da proposta behaviorista radical, Skinner e a comunidade analítico-comportamental possuem o isolamento em relação à Psicologia como um todo e a outras disciplinas científicas como uma de suas marcas históricas (Carrara, 2005; Cruz, 2016; Todorov, 2016). Cabe salientar que as décadas de 1930 e 1940, período em que surgiram as propostas skinnerianas de uma nova ciência do comportamento e de uma nova filosofia da ciência, foram marcadas, nos Estados Unidos da América, pela ascensão de métodos estatísticos para análise de dados, pelo predomínio de pesquisas com delineamentos de grupo, pela concorrência entre diferentes teorias psicológicas baseadas em estudos experimentais, com destaque para as propostas de Hull e de Tolman (Cruz, 2013). Tal contexto histórico produziu ampla rejeição das propostas de Skinner e de psicólogos que seguiam suas propostas, evidenciada pela dificuldade em publicar trabalhos e ocupar cargos acadêmicos relevantes. Talvez tal aspecto tenha influenciado a criação de periódicos científicos e associações profissionais analítico-comportamentais, separados das outras teorias psicológicas. Desta forma, o

isolamento não parece ter sido necessariamente planejado ou originado de maneira unilateral por Skinner ou por pesquisadores envolvidos com a sua teoria.

O isolamento da comunidade de analistas do comportamento foi, historicamente, alvo de críticas e pode ter dificultado a divulgação de suas propostas conceituais e tecnológicas. O isolamento de Skinner na etapa inicial da construção de sua teoria foi evidenciado pela análise realizada por Andery, Micheletto e Sérgio (2002) das referências de seus trabalhos publicados entre 1930 e 1938. As autoras identificaram que neste período o autor mais citado por Skinner foi ele mesmo. Segundo Todorov (2016), a postura de isolamento tem sido mantida e cabe ao analista do comportamento “correr atrás do tempo perdido”, expandindo seu diálogo com outras orientações teóricas.

Em discussão sobre os possíveis malefícios do isolamento da análise do comportamento em relação a outras teorias psicológicas, Critchfield e Farmer-Dougan (2014) analisam o impacto da separação entre analistas do comportamento que estudam os efeitos da punição sobre o comportamento e psicólogos alinhados a outras perspectivas psicológicas que também estudam sobre o tema. De acordo com eles, o isolamento pode ser verificado pelo baixo número de citações de analistas do comportamento a importantes estudos atuais sobre punição, publicados por autores de outras áreas, e pelo baixo número de citações destes autores aos trabalhos produzidos por analistas do comportamento. Na opinião dos autores (Critchfield & Farmer-Dougan, 2014), a literatura produzida com base em outras teorias psicológicas poderia auxiliar na compreensão mais adequada dos efeitos da punição por parte dos analistas do comportamento e na resolução de controvérsias teóricas. De maneira semelhante, a literatura da análise do comportamento poderia contribuir para outras teorias psicológicas, por exemplo, com os dados sobre os subprodutos do controle aversivo. Ainda de acordo com os autores, os problemas não se encerram na falta de diálogo sobre controle aversivo, eles se estendem para as outras áreas de estudo, mas o caso do estudo dos efeitos da punição pode ser tomado como um exemplo dos malefícios do isolamento da análise do comportamento.

Outro possível indício de dogmatismo pode ser encontrado na obra de Skinner: o autor, corriqueiramente, não apresentou explicitamente os autores com os quais dialogava em exposições de sua proposta para a Psicologia. No seu livro *Sobre o Behaviorismo* (Skinner, 1974/2006), afirmou: “Considero dezenas, se não centenas, de exemplos de uso mentalista. Foram tomados de textos escritos em circulação; não lhes citei as fontes, porém. Não estou discutindo com os autores, mas acerca das práticas exemplificadas por suas passagens ou termos” (p. 21). Com efeito, o autor criticou “estruturalistas”, “behavioristas metodológicos”, “neuropsicólogos”, “psicofisiologistas” “mecanicistas” e “mentalistas”, em geral, sem nomear pessoas cujas ideias são criticadas. Cabe ainda ressaltar que esta prática não está restrita a uma obra específica de Skinner: ela repete-se em diversos textos nos quais apresenta críticas a outras teorias

psicológicas e defesa da sua teoria (e.g., Skinner, 1950, 1974/2006, 1989). É plausível assumir que essa postura tenha deixado suas marcas nos analistas do comportamento que o seguiram e que tenha consistido em uma barreira para o diálogo aberto e bem estruturado com pesquisadores alinhados a outros posicionamentos teóricos.

O isolamento da análise do comportamento, acompanhado pela existência de diversas críticas baseadas em concepções equivocadas sobre suas propostas (cf. Arntzen et al., 2010; Becirevic, 2014; Guimarães, 2003; Morris, 1985), potencialmente produz rejeições precipitadas de críticas dirigidas à teoria analítico-comportamental. Lopes (2008) indicou, em resenha do livro de Carrara (2005), algumas críticas relevantes ao behaviorismo radical que podem ser ignoradas, devido ao isolamento e às críticas infundadas, por alguns analistas do comportamento. Entre tais críticas, o autor (Lopes, 2008) apontou para a existência de um “reducionismo de prática”, concebido como a redução indevida, por parte de analistas do comportamento aplicados, de casos complexos a protótipos extraídos de situações experimentais; indicou o entendimento do laboratório como protótipo de atuação, que pode resultar na tentativa de adequar o mundo ao modelo experimental, quando o contrário deveria ser esperado; sugeriu a necessidade de discussões éticas e políticas na análise do comportamento para que o fazer ciência esteja eticamente orientado por reflexões acerca da sociedade.

Salienta-se que tais críticas são apresentadas apenas como exemplos de possíveis aspectos ignorados pela comunidade de analistas do comportamento por conta de dogmatismo teórico. A questão central não é discutir a pertinência de cada uma dessas críticas, mas ilustrar mais um aspecto problemático da rejeição precipitada de argumentos e propostas que não estão (ou não parecem estar) em concordância com o behaviorismo radical e a análise do comportamento.

Entre as características de posturas dogmáticas está a impossibilidade de reconhecimento de semelhanças e diferenças entre as diversas teorias psicológicas. Serão apresentadas a seguir algumas relações entre behaviorismo radical e outras perspectivas psicológicas que são, por vezes, obscurecidas por concepções dogmáticas. Espera-se identificar e elucidar algumas dessas noções possivelmente equivocadas.

A psicanálise freudiana e a análise do comportamento são, por vezes, entendidas como opostos (e.g., Henriques, 2003), completamente divergentes e incompatíveis entre si, ou são destacadas as diferenças entre as duas teorias (e.g., Gardner, 1979; Stanovich, 1992). Contudo, Overskeid (2007) afirmou que a atribuição de uma incompatibilidade completa entre estas teorias psicológicas é falaciosa e que existem diversas aproximações entre elas. Assim, o não reconhecimento das similaridades pode ser entendido como um indício de dogmatismo teórico.

No contexto do diálogo com a psicanálise, Skinner (cf., 1953, 1957, 1979, 1983) interpretou conceitos psicanalíticos (e.g., inconsciente, racionalização,

repressão etc.) a partir da noção de comportamento operante, reconhecendo o valor de alguns aspectos da psicanálise freudiana para a compreensão do comportamento humano. Por outro lado, Skinner apresentou diversas críticas à teoria psicanalítica, sobretudo por conta da atribuição de causalidade de comportamentos a constructos mentais, internos ao organismo.

É interessante notar que, segundo Richelle (1993), Freud foi o autor mais citado nas obras de Skinner. Em análise de parte destas citações, o autor identificou que Skinner atribui crédito a Freud pela demonstração convincente da existência de eventos relevantes não acessíveis pela consciência (descrição de contingências), pelo destaque da influência das histórias individuais no comportamento presente e pela sua capacidade de identificar relações entre eventos acontecidos em contextos distantes entre si.

Overskeid (2007) identificou similaridades entre as obras de Skinner e Freud. Entre as semelhanças identificadas pelo autor estão: a valorização de estudos empíricos acompanhada do reconhecimento da importância de especulação e interpretação para a construção de suas teorias; a predileção por estudos profundos com base em indivíduos, em vez de métodos que avaliassem médias entre grupos; o interesse em analisar conflitos culturais e variáveis controladoras das quais as populações costumam não estar conscientes, com o objetivo de produzir soluções; a identificação de relações entre as variáveis que controlam o comportamento de forma consciente, envolvendo descrição de contingências, e inconsciente, sem descrição de contingências; o reconhecimento de diversos efeitos indesejáveis da punição.

Considerações sobre as convergências entre Freud e Skinner não indicam que conceitos de uma teoria possam ser mesclados com conceitos da outra, nem que suas proposições teóricas possam ser fundidas em uma. Afinal, possuem pressupostos, objetos de estudo, e visões de ser humano diferentes entre si, que impossibilitam a simples transposição de seus conceitos. O que as informações, trazidas por Overskeid (2007) e por Richelle (1993), acerca das semelhanças existentes, evidenciam é que parece haver maior interesse em procurar pelos conflitos entre as teorias psicológicas, dificultando a possibilidade de identificar questões harmoniosas entre elas e, com isto, de avaliar corretamente as diversas relações entre as teorias psicológicas.

Outra relação, recorrentemente apresentada de forma equivocada, é aquela entre behaviorismo metodológico e behaviorismo watsoniano. Em artigo considerado como o marco fundador do behaviorismo radical, intitulado *The Operational Analysis of Psychological Terms*, Skinner (1945) se opôs às propostas do behaviorismo metodológico. As propostas behavioristas metodológicas foram então definidas como aquelas que se dedicam apenas ao estudo de eventos publicamente observáveis, enquanto o behaviorismo radical incluiria o estudo dos eventos privados, não observáveis por mais de um indivíduo. Como decorrência

do estudo exclusivo de eventos públicos, os behavioristas metodológicos terminariam por tratar os eventos privados como possuindo natureza distinta dos eventos públicos, incorrendo em uma espécie de dualismo. Em contraposição, o behaviorista radical acredita que os eventos privados possuem natureza física e o estudo desses eventos poderia então ser incluído em seu escopo. Esta seria então uma postura monista, que observa o mundo como contendo apenas eventos de natureza física.

De acordo com Strapasson e Carrara (2008), é comum, entre behavioristas radicais, a atribuição do rótulo “behaviorismo metodológico” à proposta watsoniana (e.g., Chiesa, 1994; Guimarães, 2003; Weber, 1992). Apesar disso, a partir da comparação dos argumentos utilizados por Skinner (1945) para classificar uma teoria psicológica como behaviorismo metodológico com os argumentos do próprio Watson (1913, 1914, 1920, 1925, 1929), os autores (Strapasson & Carrara, 2008) identificaram que a crítica de Skinner ao behaviorismo metodológico parece não se adequar ao behaviorismo watsoniano.

Em sua análise, Strapasson e Carrara (2008) defenderam que a proposta watsoniana considera que todos os comportamentos são observáveis ou potencialmente observáveis, posto que todos os eventos, públicos ou privados, são entendidos como possuindo natureza física. Além disso, de acordo com os autores, não é possível identificar uma vinculação explícita do behaviorismo de Watson como um behaviorismo metodológico na obra de Skinner. Dessa forma, a apresentação, comum entre analistas do comportamento, de Watson como um exemplo de behaviorista metodológico e a posterior justificativa das propostas skinnerianas em sua contraposição pode produzir incompreensões acerca da construção do behaviorismo radical e dos interlocutores de Skinner durante o desenvolvimento de sua posição.

Outras interpretações da obra de Watson, divergentes daquelas apresentadas por Strapasson e Carrara (2008), são possíveis, mas é importante salientar que, no mínimo, as análises apresentadas por eles indicam que a vinculação do behaviorismo watsoniano ao behaviorismo metodológico não é necessariamente consistente com a obra de Watson. Isso implica na necessidade de cuidado ao abordar outras teorias psicológicas.

Para além dos exemplos apresentados aqui, outros autores se dedicaram a esclarecer aproximações e distanciamentos entre a análise do comportamento e outras Psicologias, sem apelos a estereótipos. Angelo e Bissoli (2016) propuseram um diálogo entre a psicologia social de Silvia Lane e a análise do comportamento, Carrara (2005) identificou relações e distanciamentos entre o behaviorismo radical e outras teorias psicológicas (e.g., o socioconstrutivismo de Vygotsky) e Richelle (1993) apresentou aspectos convergentes e divergentes entre as propostas de Skinner e de outros autores europeus (i.e., Pavlov e Piaget), que não apenas Freud. Os autores apresentados aqui mostram que, por vezes, há concepções equivocadas sobre outras teorias psicológicas que precisam ser esclarecidas para que haja um diálogo

produtivo, como sugerido por Costa (1993). Trabalhos como esses indicam que outros caminhos, para além do dogmatismo ou do ecletismo teóricos, são possíveis.

NEM DOGMATISMO E NEM ECLETISMO: OUTROS CAMINHOS SÃO POSSÍVEIS

As seguintes práticas são apontadas como alternativas às posturas de dogmatismo e de ecletismo teóricos: examinar a história da construção das diferentes teorias psicológicas e o conteúdo conceitual de suas propostas; avaliar tecnologias e métodos de pesquisa produzidos por psicólogos alinhados a outras teorias; criticar as diversas teorias com base em princípios coerentes com suas proposições; exercer a autocrítica, a partir da compreensão de outras vozes teóricas; e executar investigações em parceria com profissionais alinhados a distintas posições teóricas.

Uma alternativa para o ecletismo e o dogmatismo é o exame da história e dos pressupostos filosóficos das diferentes perspectivas teóricas da Psicologia. A partir do exame das variadas perspectivas teóricas, o psicólogo pode: discernir melhor as relações de afinidade e influência entre a teoria escolhida e outras; desvencilhar-se das informações fornecidas nos manuais de Psicologia, que comumente perpetuam imprecisões e produzir conhecimento mais crítico a respeito da sua teoria de interesse, esclarecendo limites e sondando possibilidades de superá-los. Enfim, o psicólogo, ao situar mais claramente os pressupostos das perspectivas teóricas distintas, estará mais apto para estabelecer diálogos produtivos entre a sua perspectiva e as outras, afastando-se tanto do dogmatismo quanto do ecletismo (Laurenti, 2012).

Guilhardi (1995) afirmou que uma teoria só pode ser criticada de forma produtiva de acordo com o seu próprio referencial e Luna (1988) indicou que a análise de estudos realizados a partir de perspectivas teóricas diferentes pode auxiliar na autocrítica por parte dos membros de uma teoria psicológica. Assim, mesmo se assumida a posição de que uma teoria só pode ser beneficiada das críticas feitas a partir da própria perspectiva teórica, ainda pode ser enriquecedor a avaliação do conhecimento produzido por teorias diferentes para posterior autocrítica e revisão dos seus pressupostos.

Os psicólogos em formação podem se beneficiar do diálogo virtuoso entre as teorias psicológicas, na medida em que lhes permite posicionarem-se a respeito das teorias psicológicas com base em informações mais claras. Para que isso seja possível, Laurenti (2012) sugere que, ao invés de incitações aos alunos de graduação e pós-graduação para que critiquem pejorativamente as outras perspectivas teóricas, sejam incentivados o respeito pelas diferenças, a busca por reflexões conceituais e o diálogo.

Segundo Guilhardi (1995), o ecletismo técnico, em oposição ao ecletismo teórico, pode ser uma maneira de beneficiar-se de procedimentos e de técnicas produzidos por membros de outras perspectivas. Para que o ecletismo técnico não acarrete em ecletismo teórico por parte do analista do comportamento, e produza uma panaceia com pedaços de diferentes teorias, é necessário que a adoção de tecnologias construídas com base em outras teorias seja

acompanhada pelo exame destas tecnologias a partir do arcabouço teórico do behaviorismo radical. Se compatibilizadas com o behaviorismo radical, então o psicólogo pode adquirir novas ferramentas integradas à sua teoria.

A análise de técnicas advindas de outras orientações teóricas pode ser especialmente relevante no contexto atual, em que a defesa de práticas baseadas em evidência vem ganhando força na Psicologia (Leonardi & Meyer, 2015). De acordo com o paradigma das práticas baseadas em evidência, o profissional deve utilizar-se de práticas com eficácia demonstrada empiricamente. De um ponto de vista analítico-comportamental, nem todas as “evidências de eficácia” podem ser assim consideradas (e.g., estudos que utilizam relatos verbais como medida), de forma que a avaliação das “evidências” carece de uma visão crítica. Porém, o incentivo à avaliação das práticas psicológicas é capaz de auxiliar a identificar estratégias que podem ser utilizadas por analistas do comportamento, desde que analisadas com base em seus métodos de pesquisa e seus parâmetros teóricos.

Além da avaliação e da possível utilização de tecnologias para prestação de serviço produzidas por membros de outras perspectivas psicológicas, métodos e procedimentos de pesquisa construídos com base em pressupostos distintos podem ser produtivamente empregados por analistas do comportamento, desde que seja identificada possível coerência com os pressupostos analítico-comportamentais. Para tomar como exemplo, Angelo e Bissoli (2016) apontaram a possibilidade de os analistas do comportamento utilizarem o método de pesquisa-ação para ampliar as possibilidades de investigação comportamental de fenômenos sociais. É provável que certos métodos de pesquisa construídos com base em outras teorias precisem ser adaptados e, principalmente, que as análises dos dados fornecidos por tais métodos tenham que ser modificadas para que sejam consistentes com uma análise comportamental. Variados métodos de pesquisa derivados de outras teorias psicológicas têm sido empregados na literatura analítico-comportamental. Analistas do comportamento vêm adaptando métodos de pesquisa utilizados originalmente por autores com viés cognitivista, como os estudos sobre desamparo aprendido (e.g., Santos, Gehm, & Hunziker, 2011) e *timing* (e.g., Carvalho, Machado, & Vasconcelos, 2016), por autores da psicolinguística, como o Sistema Linguístico em Miniatura (e.g., Hanna et al., 2008), entre outros.

São exemplos de práticas que incentivam a produção de diálogos os estudos apresentados neste ensaio (Overskeid, 2007; Strapasson & Carrara, 2008). Na mesma linha, outra prática interessante é a produção de estudos que envolvam pesquisadores de diferentes perspectivas psicológicas e que tratem das discordâncias e das concordâncias entre suas teorias.

É ingênuo imaginar que a multiplicidade de teorias psicológicas não implique em certa concorrência por espaço, verbos e adeptos nas instituições de ensino e nos contextos de aplicação. Essa busca por espaço produz a necessidade de afirmação das teorias científicas umas em

relação às outras (cf., Cruz, 2013). Por outro lado, conforme afirmado por Luna (1988), uma teoria psicológica não se fortalece pela desqualificação das outras. Seriam mais produtivas avaliações dos princípios, objeto de estudo, métodos e objetivos das teorias psicológicas para então, de acordo com os parâmetros adotados, determinar suas qualidades. Quando as críticas parecerem adequadas, elas devem ser realizadas com bases sólidas, caracterizando um diálogo entre dois ou mais pontos de vista, não entre um ponto de vista e um ou mais espantalhos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em síntese, a pluralidade de perspectivas psicológicas, por vezes, resulta em posições de dogmatismo ou de ecletismo, que atravancam o diálogo produtivo entre membros de diferentes teorias da Psicologia. Analistas do comportamento não estão livres de práticas dogmáticas e, com isso, de suas implicações negativas. Como alternativa, sugere-se o diálogo, por meio do exame das histórias das diversas perspectivas teóricas, de seus pressupostos filosóficos e de estudos produzidos por seus membros, para possibilitar a reflexão crítica acerca da teoria behaviorista radical e das práticas derivadas dela.

É importante salientar que a apresentação de visões possivelmente dogmáticas de analistas do comportamento não foi resultado de buscas sistemáticas na literatura. O objetivo aqui não foi fazer uma revisão desta literatura, mas apenas apresentar elementos suficientes para ilustrar a questão do dogmatismo entre behavioristas radicais e indicar alternativas. No entanto, um trabalho que analise de forma sistemática a literatura analítico-comportamental, com o objetivo de identificar posturas dogmáticas, pode produzir a identificação do panorama geral dos tipos de equívocos propagados e auxiliar a planejar mudanças neste sentido.

Foram apresentadas críticas à análise do comportamento quanto a questões teóricas e práticas e possíveis convergências e divergências entre a Psicologia analítico-comportamental e outras teorias psicológicas, mas não se realizou um exame da pertinência das críticas apresentadas. Tais aspectos foram apresentados para ilustrar indícios de dogmatismo teórico entre behavioristas radicais, de forma que uma discussão deste tipo fugiria ao escopo do presente trabalho. Porém, esse tipo de reflexão vem sendo feito na literatura da área (e.g., Angelo & Bissoli, 2016; Lopes, 2008; Overskeid, 2007; Richelle, 1993; Strapasson & Carrara, 2008) e merece esforços contínuos da comunidade.

Além dos aspectos apontados, presentes na literatura científica, que podem indicar certas visões equivocadas acerca das relações da análise do comportamento com outras teorias psicológicas, é possível que parte das críticas infundadas ocorra entre as paredes das instituições de ensino e dos congressos de análise do comportamento. Estes tipos de incompreensões podem ser acessados por meio de uma análise do comportamento verbal de estudantes, professores e outros profissionais da Psicologia. Um estudo com estas características também

poderia contribuir para ampliação da discussão esboçada neste ensaio. Salienta-se que o relato verbal é um correlato de outro comportamento, sob controle de outros estímulos antecedentes e mantido por conseqüências diferentes das que mantêm o comportamento sobre o qual se relata. Apesar disso, a utilização de entrevistas e questionários, contanto que acompanhadas de um tratamento adequado das informações obtidas, pode fornecer dados úteis para identificação de variáveis comportamentais (cf., Luna, 2000).

Não foi objetivo deste ensaio discutir as relações entre análise do comportamento e outras disciplinas científicas, como a Biologia, a Antropologia, a Pedagogia etc. Porém, esse é um aspecto que se relaciona diretamente com as presentes reflexões e, por isso, discussões desse tipo podem auxiliar na ampliação do debate acerca das posturas de dogmatismo e ecletismo teóricos.

Este trabalho é um convite ao diálogo entre analistas do comportamento e membros de outras teorias psicológicas. De outra forma, corre-se o risco de sofrer conseqüências indesejadas: a rejeição do outro, o não reconhecimento de contribuições produzidas por psicólogos alinhados a teorias diferentes, o isolamento e a estagnação (Schmidt, 1999). Espera-se que este texto contribua para que afirmações sobre perspectivas distintas ao behaviorismo radical sejam feitas com cautela, apoiadas em justificativas robustas e consistentes e para que os ambientes acadêmicos em que psicólogos são formados tornem-se menos hostis à diferença. É possível que estas posturas sejam especialmente coerentes para os analistas do comportamento, que são tão frequentemente alvos de incompreensões e acusações equivocadas.

O convite ao diálogo pode (e deve) ser estendido a outras teorias psicológicas. Afinal, o dogmatismo não é uma marca exclusiva da análise do comportamento (cf., Cruz, 2016) e os benefícios de uma postura de diálogo foi apontada por diversos autores (Carrara, 2005; Costa, 1993; Figueiredo, 1996; Laurenti, 2012; Laurenti, Lopes, & Araujo, 2016; Luna, 1993; Otta et al., 1983; Todorov, 2016). Possivelmente, os argumentos a favor do diálogo valem para outras áreas de produção de conhecimento, incluindo o diálogo entre análise do comportamento e outras disciplinas, como a Biologia, a Antropologia, a História e a Filosofia.

Uma postura dialógica frente à multiplicidade teórica na Psicologia pode possibilitar um desenvolvimento ampliado do arcabouço conceitual do behaviorismo radical e das possibilidades técnicas da análise do comportamento. Os psicólogos em formação, os analistas do comportamento e a Psicologia como um todo também podem ser beneficiados por um ambiente teórico marcado pelo respeito à pluralidade teórica.

REFERÊNCIAS

- Andery, M. A., Micheletto, N., & Sérgio, T. M. (2000). Pesquisa histórica em análise do comportamento. *Temas em Psicologia*, 8(2), 137-142.
- Andery, M. A., Micheletto, N., & Sérgio, T. M. D. A. P. (2002). Uma análise das referências feitas por Skinner

- de 1930 a 1938. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 4(1), 21-33.
- Angelo, H. V. B. R., & Bissoli, E. B. (2016). Uma proposta de diálogo entre a Psicologia Social de Silvia Lane e a Análise do Comportamento. *Perspectivas em Análise do Comportamento*, 7(2), 288-302. <https://doi.org/10.18761/pac.2016.008>
- Arntzen, E., Lokke, J., Lokke, G., & Eilertsen, D. E. (2010). On misconceptions about behavior analysis among university students and teachers. *The Psychological Record*, 60(2), 325-336. <https://doi.org/10.1007/BF03395710>
- Banaco, R. A. (1997). Podemos nos beneficiar das descobertas da ciência do comportamento? Em R. A. Banaco (Ed.), *Sobre comportamento e cognição: Aspectos teóricos, metodológicos e de formação em Análise do Comportamento e terapia cognitiva* (pp. 543-555). Santo André, SP: ARBytes.
- Becirevic, A. (2014). Ask the experts: How can new students defend behavior analysis from misunderstandings? *Behavior Analysis in Practice*, 7(2), 138-140. <https://doi.org/10.1007/s40617-014-0019-y>
- Carrara, K. (2005). *Behaviorismo radical: Crítica e metacrítica*. São Paulo: UNESP. <https://doi.org/10.7476/9788539302857>
- Carvalho, M. P., Machado, A., & Vasconcelos, M. (2016). Animal timing: A synthetic approach. *Animal Cognition*, 19(4), 707-732. <https://doi.org/10.3758/s13420-016-0234-1>
- Chiesa, M. (1994). *Radical behaviorism: The philosophy and the science*. Boston: Authors Cooperative.
- Costa, J. F. (1993). Prefácio. Em W. Codo, J. J. C. Sampaio, & A. H. Hitomi (Eds.), *Indivíduo, trabalho e sofrimento: Uma abordagem interdisciplinar* (pp. 9-26). Petrópolis, RJ: Vozes.
- Critchfield, T. S., & Farmer-Dougan, V. F. (2014). Isolation from the mainstream: Recipe for an impoverished science. *European Journal of Behavior Analysis*, 15(1), 32-40. <https://doi.org/10.1080/15021149.2014.11434473>
- Cruz, R. N. (2013). B.F. Skinner e a Vida Científica: Uma história da organização social da Análise do Comportamento (Tese de doutoramento não publicada). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG.
- Cruz, R. N. (2016). A Fundação do JEAB e o isolamento histórico da análise do comportamento. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 32(3), 1-9. <http://dx.doi.org/10.1590/0102-3772e323215>
- Figueiredo, L. C. (1996). *Revisitando as psicologias: Da epistemologia à ética das práticas e discursos psicológicos*. São Paulo: EDUC.
- Gardner, L. (1979). Behaviorism and dynamic psychology: Skinner and Freud. *Psychoanalytic Review*, 66(2), 253-262.
- Guilhardi, H. J. (1995). Um modelo comportamental de análise de sonhos. In: B. Rangé. (Org.), *Psicoterapia comportamental e cognitiva* (pp. 257-267). Campinas, SP: EdPsy
- Guimarães, R. P. (2003). Deixando o preconceito de lado e entendendo o behaviorismo radical. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 23(3), 60-67. <https://doi.org/10.1590/S1414-98932003000300009>
- Hanna, E. S., Kohlsdorf, M., Quinteiro, R. S., Fava, V. M. D., de Souza, D. G., & de Rose, J. C. (2008). Diferenças individuais na aquisição de leitura com um sistema linguístico em miniatura. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 24(1), 45-58. <https://doi.org/10.1590/0102-3772e32ne25>
- Henriques, G. (2003). The tree of knowledge system and the theoretical unification of psychology. *Review of General Psychology*, 7(2), 150-182. <https://doi.org/10.1037/1089-2680.7.2.150>
- Laurenti, C. (2012). Trabalho conceitual em psicologia: Pesquisa ou “perfumaria”? *Psicologia em Estudo*, 17(2), 179-181. <https://doi.org/10.1590/S1413-73722012000200001>
- Laurenti, C., Lopes, C. E., & Araujo, S. F. (2016). *Pesquisa teórica em psicologia: Aspectos filosóficos e metodológicos*. São Paulo: Hogrefe.
- Leonardi, J. L., & Meyer, S. B. (2015). Prática baseada em evidências em psicologia e a história da busca pelas provas empíricas da eficácia das psicoterapias. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 35(4), 1139-1156. <https://doi.org/10.1590/1982-3703001552014>
- Lopes, C. E. (2008). Resenha do livro “Behaviorismo radical: Crítica e metacrítica”, 2ª Edição, escrito por Kester Carrara. São Paulo: Editora UNESP (2005). *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 10(1), 119-123.
- Luna, S. V. (1988). O falso conflito entre tendências metodológicas. *Cadernos de Pesquisa*, 66, 70-74.
- Luna, S. V. (2000). Questionários e entrevistas como instrumento para a coleta de informações em Psicologia. *Psicologia Revista*, 1(10), 87-98.
- Micheletto, N., & Sério, T. M. D. A. P. (1993). Homem: Objeto ou sujeito para Skinner? *Temas em Psicologia*, 1(2), 11-21.
- Morris, E. K. (1985). Public information, dissemination, and behavior analysis. *The Behavior Analyst*, 8(1), 95-110. <https://doi.org/10.1007/BF03391916>
- Otta, E., Leme, M. A. V. S., Lima, M. P. P., & Sampaio, S. M. R. (1983). Profecias auto-realizadoras em sala de aula: expectativas de estudantes de psicologia como

- determinantes não-intencionais de desempenho. *Psicologia*, 9(2), 27-42.
- Overskeid, G. (2007). Looking for Skinner and finding Freud. *American Psychologist*, 62(6), 590-595. <https://doi.org/10.1037/0003-066X.62.6.590>
- Richelle, M. N. (1993). *B. F. Skinner: A reappraisal*. Hove, GRB: Erlbaum.
- Rodrigues, M. E. (2006). Behaviorismo: Mitos, discordâncias, conceitos e preconceitos. *Educere et Educare*, 1(2), 141-164.
- Santos, C. V., Gehm, T., & Hunziker, M. H. L. (2011). Learned helplessness in the rat: Effect of response topography in a within-subject design. *Behavioural Processes*, 86(2), 178-183. <https://doi.org/10.1016/j.beproc.2010.11.005>
- Schmidt, M. L. S. (1999). Ecletismo e dogmatismo na adesão às teorias psicológicas. *Interações: Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 4(7), 19-41.
- Skinner, B. F. (1945). The operational analysis of psychological terms. *Psychological Review*, 52(5), 270-277. <https://doi.org/10.1037/h0062535>
- Skinner, B. F. (1950). Are theories of learning necessary? *Psychological Review*, 57(4), 193-216. <https://doi.org/10.1037/h0054367>
- Skinner, B. F. (1953). *Science and human behavior*. New York: Macmillan.
- Skinner, B. F. (1957). *Verbal behavior*. New York: Appleton-Century-Crofts. <https://doi.org/10.1037/11256-000>
- Skinner, B. F. (1979). *The shaping of a behaviorist: Part two of an autobiography*. New York: Alfred A. Knopf.
- Skinner, B. F. (1983). *A matter of consequences: Part three of an autobiography*. New York: Alfred A. Knopf.
- Skinner, B. F. (1989). *Recent issues in the analysis of behavior*. Columbus, OH: Merrill Publishing Company.
- Skinner, B. F. (2006). *Sobre o behaviorismo* (7a. ed.). São Paulo, SP: Cultrix. (Original publicado em 1974).
- Stanovich, K. E. (1992). *How to think straight about psychology*. New York: HarperCollins.
- Strapasson, B. A., & Carrara, K. (2008). John B. Watson: Behaviorista metodológico? *Interação em Psicologia*, 12(1), 1-10. <https://doi.org/10.5380/psi.v12i1.9120>
- Talisse, R., & Aikin, S. F. (2006). Two forms of the straw man. *Argumentation*, 20(3), 345-352. <https://doi.org/10.1007/s10503-006-9017-8>
- Todorov, J. C. (2016). No princípio era o isolamento voluntário, agora temos que correr para recuperar o tempo perdido. *Acta Comportamental*, 24(2), 195-199.
- Watson, J. B. (1913). Psychology as a behaviorist views it. *Psychological Record*, 20, 158-177. <https://doi.org/10.1037/h0074428>
- Watson, J. B. (1914). *Behavior: An introduction to comparative psychology*. Philadelphia: Lippincott. <https://doi.org/10.1037/10868-000>
- Watson, J. B. (1920). Is thinking merely the action of language mechanisms? *British Journal of Psychology*, 11, 87-104.
- Watson, J. B. (1925). *Behaviorism* (2ª ed.). Londres: Kegan Paul, Trench, Trubner & Co.
- Watson, J. B. (1929). Behaviorism: The modern note in psychology. Em J. B. Watson, & W. McDougall, *The battle of behaviorism: An exposition and an exposure* (pp. 7-40). New York: Norton.
- Weber, L. N. D. (2002). Conceitos e pré-conceitos sobre o behaviorismo. *Revista Psicologia Argumento*, 20(31), 29-38.

Submetido em: 15/12/2017

Aceito em: 07/05/2018